

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 168	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	a entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE AGOSTO 1883	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$200	2\$100	-	-		
E estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-		
B azil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

CHRONICA OCCIDENTAL

No domingo 12 do corrente realisaram-se no Asylo da Camara Municipal de Lisboa a S. Vicente duas bellas solemnidades civilisadoras: — a distribuição dos premios aos asylados que os ganharam com o seu estudo e o seu trabalho, e a inauguração dos retratos de Antonio Rodrigues Sampaio e Antonio Feliciano de Castilho.

Motivos de força maior impediram-nos de assistir a essas gloriosas festas de instrução e de gratidão, e de utilizar assim o convite que nos foi dirigido pelo honrado e laborioso presidente do Municipio, mas não podemos deixar de nos associarmos completamente e cheios de jubilo a essa festa que honra a nossa camara municipal, e que contrasta singularmente e brilhantemente com o procedimento indigno de muitas camaras do nosso paiz que, não só descuram a instrução publica, como se não fosse essa a mais sagrada das suas missões, mas também deixam morrer á fome os professores, negando-lhes os seus minguados salarios.

Propagar a instrução primaria, a instrução elemental, a base unica de toda a civilisação d'um povo, premiar os que se distinguem, galardoando assim o trabalho d'esses, e incitando ao estudo os outros, é o mais santo dos deveres das classes dirigentes, a mais util e proficua das suas obras, sem a qual de nada servem progressos materiaes, as manifestações perfeitamente externas de vida e de civilisação.

A instrução publica em Portugal, tem sido, ainda mal! descurada, ordinariamente os governos e municipios deixam-se seduzir mais pelas apparatus ostentações dos melhoramentos materiaes, que dão nas vistas de todos, e que lhes grangeam uma popularidade, facil, e rapida, do que pelos progressos moraes, que se fazem obscuramente sem pompas deslumbrantes nem ostentações, e cujo fructo só mais tarde se colhe.

A Camara Municipal de Lisboa bem merecedo municipio, por não se conten-

tar só em rasgar as ruas e abrir avenidas, e trabalha, pouco a pouco, embora com certas deficiencias e irregularidades, que a boa vontade e a experiencia saberão emendar, em rasgar as trevas da ignorancia que seriam uma muralha impenetravel á civilisação d'amanhã, e em abrir ao espirito dos desherdados da riqueza, essa grande avenida da instrução e do estudo, que é o unico

caminho do progresso moderno, e do bem estar dos povos.

E inaugurando nas salas do seu asylo os retratos de Sampaio e de Castilho, a Camara Municipal de Lisboa mostrou que comprehendia bem a sua missão civilisadora e fez uma obra de justiça e de gratidão porque aquelles dois homens representam não só duas das mais brilhantes glorias nacionaes como também dois dos mais rigorosos e colossaes apóstolos que a instrução popular tem tido em Portugal.

— Correu ha dias em Lisboa uma noticia desoladora. Não havia novas do vapor *Luso* da carreira das ilhas, e espalhou-se o boato sinistro de que esse navio se perdera no alto mar.

Mais tarde esse boato confirmou-se em parte, mas felizmente sem o tragico cortejo de mortes que primeiro o acompanhara.

O *Luso* naufragára efectivamente, á entrada de Ponta Delgada; mas só se perdera o navio e parte da carga; a tripulação salvara-se toda; não houvera perda de vidas.

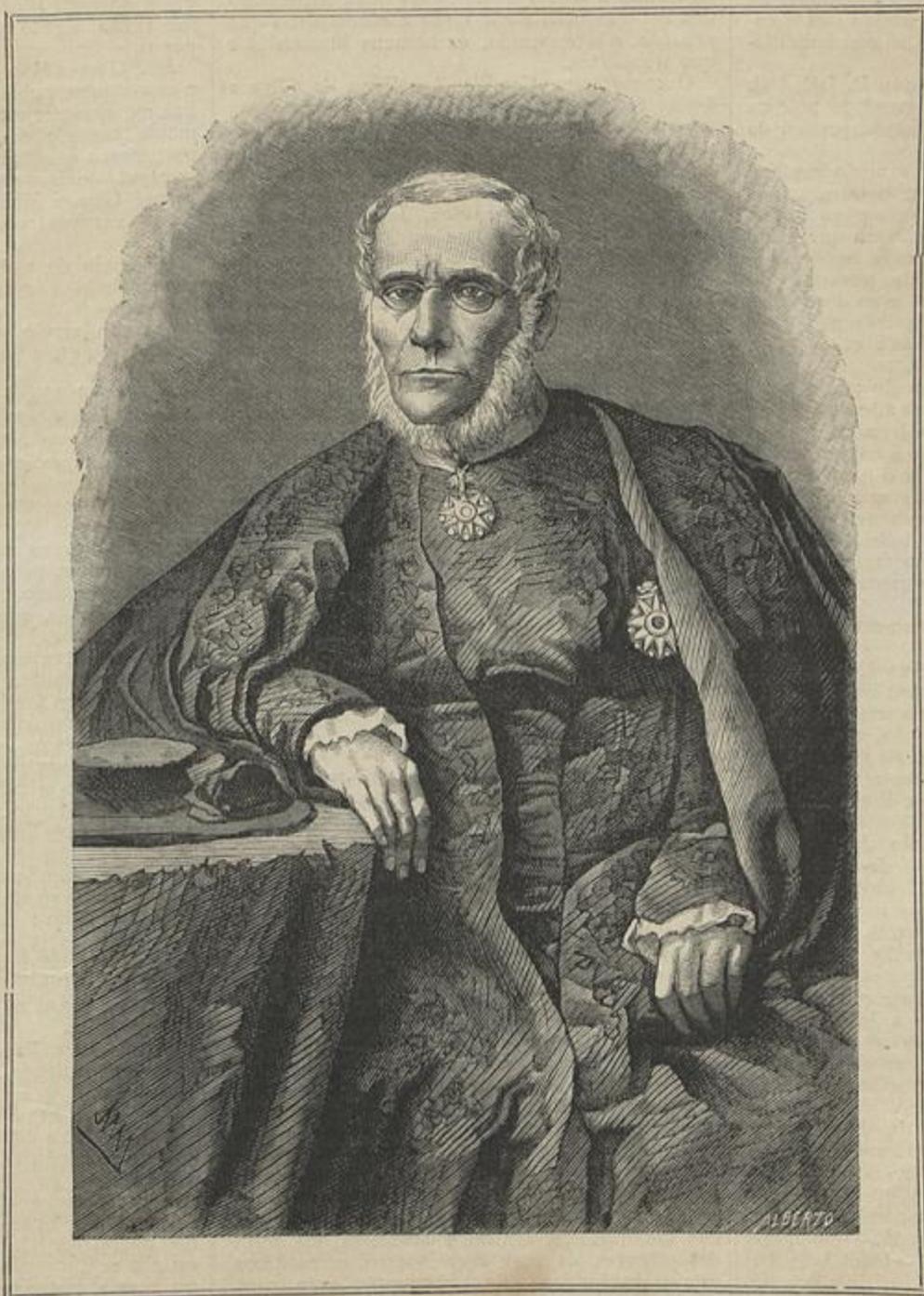
Faltam ainda pormenores authenticos d'esse desastre maritimo, entretanto o que se sabe é que o *Luso* naufragou nos rochedos junto á costa de Ponta Delgada, por causa do densissimo nevoeiro, que só a dois metros de distancia permitiu á tripulação ver que o navio caminhava para o seu tumulo.

Este sinistro veio revelar em uma triste demonstração practica a necessidade imperterivel de illuminar as costas portuguezas.

Um farol nas costas d'aquella ilha seria o bastante para evitar um naufragio que podia muito bem ser uma catastrophe terrivel.

Felizmente graças á iniciativa intelligente do sr. Hintze Ribeiro está decretada a illuminação das costas de Portugal. O prazo, porem, de pôr em practica esse grande melhoramento é de cinco annos, e nós sabemos tristemente o que é a actividade portugueza.

Que o sr. Hintze Ribeiro continue a sua obra apressando a realisação d'ella, e muitos dos erros que por ventura tenham havido na sua passagem



DR. CAMILLO AURELIANO DA SILVA E SOUSA — Fallecido em 15 de julho de 1883

(Segundo uma photographia de Fritz)

pelo poder, ficarão de certo resgatados por esse melhoramento, que é mais de que um melhoramento nacional, é uma obra humanitária.

— A Hespanha continua a encher as atenções do publico e da imprensa de Lisboa. Hoje não são os revoltosos que fazem as despesas da conversação, é o proprio governo hespanhol.

E coincidência notavel e honrorissima para o povo portuguez:

Quando em Portugal echoo a noticia da sublevação republicana de Badajoz e das revoltas das Vascongadas que se lhe seguiram, a opinião publica dividiu-se em dois grupos, um o mais numeroso, que condemnava a insurreição, outro, que a elogiava.

Chegou a noticia do fuzilamento dos quatro sargentos do regimento de Numancia, a opinião publica não se dividiu, e unanime, e indignada, condemnou o procedimento da Hespanha monarchica.

Effectivamente este *retour à l'antique* da monarchia hespanhola produziu o mais profundo desconsolo nos paizes mais civilisados da Europa.

E produzi-o não só nos humanitarios, que condemnam em principio a pena de morte, mas mesmo n'aquelles que a defendem como uma necessidade.

Porque no fim de tudo esses fuzilamentos dão rasão aos revoltosos, e podem ser um perigo serio para a Hespanha.

O *fiasco* da revolta de Badajoz, a friesa que o grito revolucionario encontrou agora em toda a Hespanha, tem uma explicação facil: — a indifferença quasi geral do povo hespanhol pela forma do governo.

Eu não sei se o povo hespanhol não é monarchico; mas o que elle tambem não é, é republicano.

É-lhe indifferente o titulo da pessoa que o governa, rei ou presidente, o que lhe não é indifferente é essa pessoa.

Quando a Hespanha desthronou D. Isabel II, a revolução não foi contra a entidade politica rainha, foi contra a individualidade pessoal da mulher.

D. Affonso XII não tem feito ainda no seu curto reinado cousa alguma que o torne extremamente sympathico ou odioso ao povo hespanhol; por isso o grito da revolução que parte ou d'aquelles cujo espirito elevado, sonha com um ideal mais aperfeiçoado de governo, ou d'aquelles cuja ambição sonha com postos de accesso, que a paz duradoura lhes não pode conferir rapidamente, não encontra echo n'esse povo.

Se o povo adorasse a pessoa do rei, e nada mais facil do que conquistar essa adoração entre peninsulares extremamente sensiveis ao enthusiasmo, esse grito seria suffocado á nascença sem auxilio das forças do governo: se o povo odiasse o seu Rei, não haveria exercitos que podessem abafar esse grito, como os não houve na revolução que desthronou a rainha Isabel.

Se as sympathias do povo são facéis de conquistar, de muito mais facil conquista é ainda o seu odio.

Isabel II conquistou-o rapidamente com os fuzilamentos successivos.

É por isso que toda a gente na Europa, que conhece a Hespanha, se inquietou com os fuzilamentos dos sargentos da Numancia.

E parece que a propria Hespanha, e o proprio rei comprehenderam por fim isto, e a prova é, que D. Affonso XII acaba de recusar-se a assignar a quinta sentença de morte que lhe apresentaram.

— Estão chamando a attenção de todos os homens de theatro uns folhetins de Francisque de Sarcey, e uma carta de Alexandre Dumas ácerca do exaggero do luxo nas *mise-en-scenes* theatraes, e nas *toilettes* das actrizes.

A questão não é nova, ainda ha pouco um dos mais delicados espiritos da França, Theodoro de Banville a tratou paradoxalmente com respeito a operas n'um artigo intitulado a *Musica*, e já ha dois annos a critica ingleza a começou a tratar a proposito dos deslumbrantes scenarios do *Romeu e Julieta*, e da *Muita bulha para nada* de Shakspeare.

Não é nova a questão, mas é de altissima importancia litteraria, artistica e até social, sob o ponto de vista especial, porque a encara Dumas filho, e n'um dia proximo em que tenhamos mais espaço e mais tempo, referir-nos-hemos mais detidamente a ella sob o ponto de vista particular do nosso theatro e do nosso meio artistico e social.

Tambem reservaremos para um dos proximos numeros a noticia desenvolvida d'um livro de versos, que *rara avis*, tem feito sensação enorme em Lisboa, sensação justificadissima porque é um acontecimento notavel para as nossas letras,

um livro precioso que tem o seu lugar marcado entre as joias da litteratura portugueza: — a *Musa velha* de Francisco Palha.

Gervasio Lobato.

DR. CAMILLO AURELIANO DA SILVA E SOUSA

O OCCIDENTE é o Panthéon dos homens illustres de Portugal.

A França possui um magestoso monumento, sobre a cornija do qual estão esculpidas, em letras douradas, estas palavras: *Aux grands hommes, la patrie reconnaissante.*

Sob as abobadas d'esse templo colossal, devido a Soufflot, repousam as cinzas de Voltaire e de Rosseau, de Marat e de Mirabeau, do duque Montbello e de Lagrange.

O nosso Panthéon é mais modesto; não foi levantado por Soufflot, mas foi creado por homens igualmente talentosos: é o OCCIDENTE.

É nas suas paginas que vemos apparecer successivamente os homens illustres do paiz; é ali que fica gravado em caracteres immorredouros a sua passagem sobre a terra.

Folheando as suas paginas, encontraremos Garrett; Herculanio; Annuniação e Luppi; emfim todos os homens da sciencia, das artes e das letras têm tido um lugar reservado n'este Panthéon, que os levará á posteridade.

Desapparecem da terra, deixam de existir, mas os seus retratos e as biographias que os acompanham, ensinarão aos nossos filhos quaes foram os homens talentosos dos nossos dias, e incital-os-hão a trilhar a senda do bem, esperanças em que mais tarde terão a recompensa que aguarda, n'este mundo, os homens illustrados e que trabalham.

O conselheiro Camillo Aureliano da Silva e Sousa é digno e muito digno de figurar n'esta galeria. Era um homem de bem em toda a latitude da palavra, e alliava a esta apreciavel qualidade possuir uma intelligencia pouco vulgar.

Era filho do conselheiro vice-presidente do supremo tribunal de justiça, José Leandro da Silva e Sousa, e neto de Camillo José da Silva.

Nasceu em 1809, na ilha das Flores, mas veio para o continente, ainda creança, e formou-se na Universidade de Coimbra, em 5 de novembro de 1836, tendo sido interrompidos os seus estudos no tempo da usurpação.

Um seu condiscipulo, cavalheiro muito respeitavel, escrevendo-nos a proposito da sua vida de estudante, exprime-se n'estes termos: «O meu fallecido condiscipulo foi sempre um rapaz serio, e de costumes irreprehensíveis; estudante distincto e estudioso, merecendo ameadadas vezes os elogios dos mestres.»

Concluidos os seus estudos, foi exercer o cargo de escrivão da meza grande da alfandega do Porto, lugar que occupou até 5 de março de 1839, e, por decreto d'esta data, foi nomeado secretario do tribunal do commercio, d'esta cidade.

Por decreto de 16 de junho de 1852, foi promovido a juiz de Direito da comarca de Louzada, tomando posse em 31 de junho de 1852, e d'aquella comarca foi transferido para a de Oliveira de Azemeis, tomando posse em 18 de setembro de 1856.

Por decreto de 3 de fevereiro de 1858, foi nomeado procurador regio da Relação do Porto, e em 1868 juiz da mesma Relação, lugar que occupou até 1878. Então foi aposentado com as honras de conselheiro do supremo tribunal de justiça.

Em 1876 a sua saude começou a sentir-se bastante abalada, e muitas vezes o vimos dentro d'uma cadeirinha dirigindo-se para a Relação. As forças cada vez lhe escassejavam mais, e por fim resolveu requerer a sua aposentação, para gozar mais alguma tranquillidade.

Quando moço, era energico e dotado de rara actividade. No ultimo quartel da vida ainda conservava algumas sombras d'aquillo que fôra outr'ora.

Seguiu o partido cartista, ao qual prestou relevantes serviços, principalmente por occasião da revolta denominada *dos Marechaes*, e mais tarde á junta do Porto, da qual fazia parte um seu primo ainda vivo, o visconde de Seabra.

Camillo Aureliano era um acerrimo defensor das suas ideias, e era tal a confiança que n'elle depositavam os seus correligionarios politicos, que o incumbiram da organização e do commando do segundo batalhão da guarda nacional.

Conta-se que o seu arrojio era tal, que uma noite dirigiu-se ao quartel da Torre da Marca, para vêr se conseguia sublevar o corpo que ali estacionava.

Mas faltava o essencial, aquillo com que se levam a effecto os maiores emprehndimentos — o dinheiro. E... *pas d'argent, pas de Suisses!*

Camillo Aureliano, e os poucos que o acompanhavam, tiveram de dar ás de Villa Diogo!

N'esses tempos collaborou assiduamente com seus primos visconde de Seabra e barão de Mogofores, n'um jornal revolucionario, que se intitulava a *Estrella do Norte*.

Quando o paiz começou a gozar de socego, Camillo Aureliano depoz as armas e empunhou a penna.

Começou a cultivar o theatro. Entre outros dramas originaes escreveu: *D. Duarte de Meneses*, *D. Mecia* e *A Feiteira*. Todos elles foram submettidos á censura, e depois representados no theatro de S. João, do Porto.

A *Feiteira* é um drama que encerra muitas bellezas de linguagem, mas tem monologos extensissimos, e os dramas precedentes são peças de combate que conseguiram o seu fim — levantar as plateias.

A *Anticatastrophe*, precedida de um extenso prologo, que muitos attribuiram a um seu intimo amigo e litterato consciencioso, José Gomes Monteiro, era producção do conselheiro Camillo Aureliano.

A proposito da *Anticatastrophe* ser attribuida a José Gomes Monteiro, escrevia Camillo Aureliano, em carta particular, em 1882, ao seu primo o sr. visconde de Seabra:

«Fiquei surprehendido com a nova que me dá do Innocencio attribuir a José Gomes Monteiro, a minha *Prefação da Anticatastrophe*. Deves saber que, ou boa ou má, é ella minha e unicamente minha, e não pouco trabalho tive em esquadrinhar na Bibliotheca os documentos a que me refiro alguns dos quaes fôram lembrados por ti.

José Gomes Monteiro nenhuma ingerencia teve n'esta minha publicação a não ser o pedir-lhe que me ajudasse a confrontar o codice primitivamente escripto em Hespanhol com a traducção portugueza que tambem existia na Bibliotheca e que publiquei.

José Gomes Monteiro não precisa dos meus pobres escriptos para elevar a sua aureola litteraria.

No meio de tudo resta-me a consolação de terem dado á minha pobre filha um pae tão distincto.»

Quando serviu na alfandega, publicou uma legislação aduaneira, que vigorou durante muito tempo.

Como cidadão, nunca professou senão o credo de politico verdadeiramente liberal, e, como juiz, era um homem integerrimo, e não cedia a sua opinião aos mais fortes empenhos. Detestava, portanto, que os amigos lhe enviassem memoriaes, recomendoando esta ou aquella causa, e dizia: «Quem fôr verdadeiramente meu amigo, não me escreva para isso, porque, sahindo a causa a favor, pensar-se-ha que eu cedi em attenção ao pedido. Se é meu amigo, pois, mande os interessados, que eu escutal-os-hei como sempre, e farei inteira justiça a quem a tiver.»

Um dia estavamos no seu escriptorio, quando entrou uma mulher d'aldeia, já idosa.

Banhada em lagrimas expoz ao sabio juiz que tinha pendente da relação uma causa e todas as circunstancias que a acompanhavam. Impetrava, portanto, a sua protecção — sem o que ficaria sem pão para a velhice.

— Eu ainda não vi os autos, mas se a razão estiver do seu lado, como affirma, póde estar descansada que lhe farei justiça.

A mulher ainda ia a sahir do escriptorio e Camillo Aureliano dizia-nos confidencialmente e muito satisfeito:

— Os autos já estão despachados desde hontem, e esta mulhersinha fica senhora de um bom par de contos de réis. Uns parentes marotos queriam reduzir-a á miseria, mas hão de levar para o seu tabaco.

Camillo Aureliano pronunciava estas phrases com intima alegria: a sua grande satisfação era fazer bem.

Com certo orgulho ouvimos d'elle um dia:

— Eu fui juiz durante longos annos, e em tempos em que não era preciso muito para se mandar enforcar um homem. Pois eu, aos maiores criminosos, poupei-lhes sempre a vida. Entendia que só Deus tinha direito de matar. Nada; eu não queria, quando a morte se abeirasse de mim, estar a sentir remorsos do passado. Desejo morrer com a consciencia tranquilla!

Camillo Aureliano recusava-se a aceitar presentes que não viessem da mão de um amigo intimo.

Um individuo da Louzã empenhava-se seriamente pela causa de um seu patricio, que estava

pendente na Relação do Porto e da qual era juiz relator o nosso biographado.

A questão estava o mais recommendada possível, e foi resolvida favoravelmente para o sujeito da Louzã.

Dias depois entrou na quinta do Pinheiro um almocreve com um macho carregado de presuntos. Era ao escurecer, e Camillo Aureliano com o seu chapéu de palha preto, andava no jardim, de regador na mão, regando as suas flores. Quando viu o homem ergueu os oculos para a testa, e perguntou-lhe:

— Ó patrão, você que quer?

— Aqui é que mora o sr. conselheiro Silva e Sousa?

— Sou eu mesmo.

— Trago esta carta...

Abriu a carta e leu-a rapidamente. Era do individuo da Louzã.

— Diga-me cá: quanto foi que você levou por trazer esta carga de presuntos da Louzã?

— Já vem paga, senhor.

— Não quero saber isso: desejo que me diga quanto lhe deram pelo frete?

— Tenho ordem para não receber gratificação alguma.

— Homem... homem... você é o diabo...

Quanto costuma levar de frete por uma carga da Louzã para o Porto?

— Isso, senhor, é conforme.

— Dez tostões?

— Nada... menos.

— Então aqui tem você um quartinho e torne a levar os presuntos a quem lh'os entregou em Louzã.

— Oh! Senhor!

— Diga lá que morri.

— Mas...

— Safe-se já de diante de mim.

— Mas...

— Rua... tenho dito.

O velho conselheiro estava encolerizado e verdadeiramente indignado.

Desde esse dia o creado recebeu instrucções para não aceitar fosse o que fosse, a não ser de tres ou quatro amigos, cujos nomes lhe indicou.

Depois de reedificar o seu palacete da quinta do Pinheiro, ahi pelo anno de 1850, é que começou a dedicar-se mais á horticultura, comtudo, antes já possuia alguns vegetaes de merecimento.

A sua planta favorita era a camellia, e na quinta do Pinheiro existe hoje uma valiosissima collecção de camellias de cerca de 500 variedades portuguezas e estrangeiras. Conhecia a maior parte das variedades, e algumas distinguia só pela folha.

A estufa que possuia era pequena, mas sufficientemente grande para reproduzir as plantas que destinava para ornamento do seu jardim.

A sua horta era sempre um primor: todas as hortaliças novas eram alli experimentadas, e os resultados que colhia registrava-os na carteira.

Em 1874 formou um pomar modelo. Era um verdadeiro jardim fructifero segundo o methodo francez. Na educação das arvores seguiu os systemas de Gressent e Dumas, e por essa epoca (1875) publicou um livro que teve notavel extracção: *Cultura das arvores fructiferas — Pereiras, macieiras e pecegueiros*.

É um tratado completo, baseado em trabalhos identicos feitos em França, Belgica e Italia.

N'este livro indicam-se todas as formas de cultura das arvores fructiferas, e fecha o trabalho uma extensa lista das variedades que mais se recommendam, pela excellencia de suas qualidades.

Numerosas gravuras illustram este curioso livro.

Desde a fundação do *Jornal de Horticultura Pratica* (1870) que foi um dos seus mais assiduos collaboradores. Os seus artigos occupavam-se principalmente de hortaliças e fructas. Dizia elle muitas vezes, que não escrevia sobre flores, «por que os leitores preferiam que se lhes fallasse de cousas que se podessem papar.»

Em 1873 publicou o *Código Civil Portuguez, ordenado alfabeticamente*. Representa perto de dous annos de trabalho assiduo, e em 1843 deu á estampa uma obra curiosa — *Galeria das ordens religiosas e militares*, desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias. São dous volumes acompanhados de numerosas estampas coloridas á mão. É uma publicação bastante rara, e que nem o proprio auctor possuia na sua estante.

Camillo Aureliano tinha grande disposição para o desenho e fez algumas obras de architectura. O seu *chateau* da quinta do Pinheiro e um *chalet* que possuia na rua do Cosma Cabral, onde falleceu, foram construidos sobre os seus planos.

O sr. dr. Henrique Carlos de Miranda, um dos proprietarios do *Commercio do Porto*, tambem

possue um palacete na rua da Constituição, edificado segundo os desenhos de Camillo Aureliano.

Existe em poder do sr. dr. Acacio Alfredo de Seabra um trabalho inedito, que tem por titulo *Pomar escolhido*. Consta de, approximadamente, sessenta desenhos de peras estrangeiras, acompanhados das suas respectivas descrições.

Deixou mais o manuscripto de uma obra muito importante sobre as molestias dos vegetaes e os seus inimigos.

Está nas mãos do sr. A. R. da Cruz Coutinho, proprietario do *Jornal do Porto*, e é muito provavel que em breve dará á luz este curioso livro.

Deve ser illustrado com numerosas gravuras. Foi escripto em 1870.

Desde 1876 até 1878 trabalhou connosco nas exposições hortícolas do Palacio de Cristal, na qualidade de presidente da commissão reguladora.

Póde-se dizer que foi dos poucos que concorreram, no nosso paiz, para que as exposições d'horticultura fossem revestidas, durante um certo tempo, de alguma seriedade.

Para a elaboração dos primeiros programmas concorreu muito.

Camillo Aureliano era um cavalheiro de habitos modestissimos. Não frequentava bailes nem theatros, mas... trabalhava sempre.

Era um amigo sincero e dedicado.

Recebemos sobejas provas da sua effeição e com elle partilhavamos as nossas alegrias e as nossas tristezas.

Uma palavra d'elle era um balsamo effizaz que cicatrizava a nossa ferida. Era o cofre de todos os nossos segredos; conhecia, a nossa vida tão bem como nós. Para elle, com effeito, não tinhamos segredos.

A morte de um homem assim, pranteia-se sempre: é um homem que faz falta.

Nem de todos que deixam o mundo se pode dizer outro tanto.

Camillo Aureliano falleceu no dia 15 do mez findo.

Que a sua alma descanse em paz!

Porto.

Duarte de Oliveira, Junior.

ALCACER DO SAL

Foi já uma das mais importantes povoações do occidente da península a antiga Salacia, a Alkassar-ben-abn-danés dos arabes, a moderna Alcacer do Sal.

Situada na margem direita do rio Sado, a quarenta kilometros da cidade de Setubal, foi esta villa fundada pelos lusitanos cerca de trinta annos antes de Jesu-Christo.

Em 715 cahiu em poder dos arabes, que se conservaram senhores d'ella até 1158, sendo n'este anno, a 24 de junho, não obstante o seu inexpugnável castello, e a muito numerosa e aguerrida guarnição que n'elle havia, tomada por D. Affonso Henriques, depois de dois mezes de sitio; mas em 1191, no reinado de D. Sancho I, novamente a perdemos.

Em 1217, reinando D. Affonso II, o bispo de Lisboa D. Sueiro a retomou aos arabes. A batalha que se deu antes de tomada a praça, e em que foram derrotados os walis de Badajoz, Jaen, Cordova, Xerez e Sevilha, pelejou-se a tres kilometros da villa, no sitio ainda hoje denominado — *Valle de mataña*.

É a taes feitos que o nosso immortal poeta se refere quando na Est. 90.º do Canto 3.º diz: —

.....segundo Affonso, e rei terceiro,

«No tempo d'este aos mouros foi tomado,

«Alcacer do Sal, por derradeiro,

«Por que d'antes os mouros o tomaram,

«Mas agora estruidos o pagaram.

Durante o imperio de Cordova teve Alcacer um vasto arsenal d'onde saíram grandes frotas contra os christãos. Era então rodeada de extensos pinhaes, cujas madeiras constituam um dos principaes objectos da sua exportação. Abundavam em gados de toda a especie os seus fertes campos.

Hoje tudo mudou inteiramente; apenas do temeroso castello se vêem restos d'algumas de suas torres e ameias.

A villa compõe-se de duas freguezias, Santa Maria do Castello, fundada por D. Affonso II, logo depois da expulsão dos mouros, e Santhiago, cujo templo é magestoso, concorrendo D. João V para a sua construcção.

No districto da primeira freguezia existia um convento de Nossa Senhora d'Ara-celi, de religiosas franciscanas, edificado de novo pelo piedoso Ruy Salema, e sua mulher D. Catharina, anteriormente a 1573, segundo se vê d'uma escriptura de doação pelos mesmos feita em 3 de junho d'aquelle anno, e que estava no archivo

do convento. A ultima religiosa que ali vivia falleceu em 1874.

Uma parte do edificio, incluindo a igreja, conservou-se até então em bom estado, mas presentemente acha-se tudo quasi em completa ruina, o que é bem para lamentar.

Do convento de franciscanos, que na villa tambem havia desde 1524, restam a egreja mal reparada e pedaços d'algumas paredes.

Alem dos templos referidos ha o da Misericordia, fundado em 1530 pelo já mencionado Ruy Salema, fidalgo da casa do infante D. Diniz, duque de Beja, e filho de D. Manuel, — o do Senhor Jesus dos Martyres, que é fóra da villa, mas a pequena distancia, e notavel pela muito venerada imagem de Christo crucificado que n'elle está, o do Espirito Santo, e o da Senhora da Graça.

Alcacer do Sal sempre foi muito commercial, e tem proporções para se dever considerar uma das mais importantes povoações do moderno Alemtejo; todavia desde 1855 tem soffrido extraordinariamente em relação á riqueza de que gosava. A falta de cereaes no Alemtejo, e depois o caminho de ferro cortando esta provincia por Evora, Beja etc., foram a causa da extincção de quasi todo o seu commercio.

Em melhoramentos municipaes está ainda Alcacer um tanto atrasada. É certo que alguma cousa se tem já feito nos ultimos annos, porém muito mais ha para fazer.

A ponte que atravessa o Sado em frente da villa, concluida em 1870, é uma obra util e importante, e bem assim o edificio, ora em construcção na praça principal, destinado para n'elle funcionarem as diversas repartições publicas administrativas e judicias.

A pessima posição topographica em que se acha, a falta de arvoredo cada vez mais sensivel, a cultura em grande escala e sem regra alguma do arroz, e a proximidade de bastantes salinas, tornam com effeito esta povoação manifestamente insalubre e de clima mortifero.

Alcacer tem por brasão uma não em memoria da armada dos cruzados, e como timbre as armas reaes por ser conquistada a primeira vez pelo proprio D. Affonso Henriques.

Com justa rasão se ufana esta villa de ter sido berço em 1492 do illustre geometra Pedro Nunes, a quem as sciencias exactas e physicas tanto devem.

A gravura que hoje apresentamos é copia d'umas photographias tiradas pelo habil artista portuguez o sr. Oliveira.

A. Latino de Faria.

OS GRANADEIROS

(DE H. HEINE)

(A. J. M. Greenfield de Mello)

Volvem á França os dous, ha muito prisioneiros sob o nevar da Rússia, entre esquadões do Czar. Entrando em Allemanha, aos bravos granadeiros; pendem-lhes meste a frente, embaciado o olhar.

Colhe-os estranha nova e lhes desmaia o peito: A França anniquilada aos pés do vencedor; o bravo, o glorioso exercito, — desfeito; e captivo, captivo, o grande imperador!

Em solto pranto embebe, embebe em atra pena, tão duro golpe os dous. Um soluçando diz: — «Feridas de Marengo, e de Arcole, e de Iena, — é tempo de morrer, — sinto que reabris!»

O outro que a dôr prostrou: — Findaste a lida inteira; podes fiar-te já, dolente coração! Mas, não; filhos, esposa, aguardam-me á lareira, sem ti, sem ti, bem presto á mingua acabarão!

Mas filhos, lar, mulher, tudo isso que me importa? Consume-me outra magua, extingue-me outra dôr. Tem fome? vão bater, carpir de porta em porta... Oh! captivo, captivo, o grande imperador!

Escuta, meu rapaz, meu bravo camarada, se em solo estranho em pouco á vida encontro fim, arrasta-me contigo á nossa patria amada, á nossa amada França, irmão, amigo, sim?

A Cruz da Legião de honra, em seu vermelho laço, penda-me ao peito extinto a tua amiga mão. Conhega-me á epingarda o inanimado braço; depõe-me a espada ao lado, — a par do coração!

Quero jazer assim, perpetua sentinella, no tumulo, inquirindo as sombras e a mudez, até que o bronze troe, vozeie o bota-sella, restrujam da batalha os hechos outra vez!

Escarve-me o corcel do Imperador Soldado a deslebrada cova; aos rufos do tambor, aos roncões do canhão, resurgirei armado para morrer por ti, ó grande imperador!

José de Sousa Monteiro.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

6.ª carta

12 de fevereiro de 1883.

Amigo Mattos. — Escrevo-lhe de Theresopolis, de casa do nosso intelligente e activo compatriota, e meu amigo, o sr. Antonio Justiniano Rodrigues, residente no Rio de Janeiro desde criança, e possuidor aqui de magnificos e extensos terrenos; onde todos os annos costuma vir passar o verão com sua ex.^{ma} familia, desde a primeira vez que, tendo vindo para aqui á morte, readquiriu a vida e o vigor.

Theresopolis é um excellentesanitario, onde muitos enfermos teem recuperado a saude perdida. Sob o ponto de vista pittoresco, surprehe o viajante pelo panorama phantastico que ostentam as montanhas que formam o espigão da serra dos Orgãos, que divide Petropolis de Theresopolis. E' o que de mais grandioso tenho presenciado na provincia do Rio de Janeiro.

Se houvesse alguma cousa que me despertasse a sensação, que commove e arrebatá, além da dedicação pela patria; da desgraça alheia; das lagrimas d'um sincero arrependimento, e do sorrir da criancinha no regaço da mãe; se não tivesse visto tanta montanha imponente, e não conservasse ainda viva impressão dos Cantaros e despenhadeiros da nossa serra da Estrella, teria ficado extasiado perante a magestade da serra dos Orgãos e de suas florestas virgens. Tal é a sua grandiosidade.

Entre estes rochedos granitoides e gneissicos, recordando-me com saudade dos *Gattes* de Surla e Sattrem, com os quaes a serra dos



EDUARDO CARLOS CABRAL DESCHAMPS

(Segundo uma photographia de F. Fleurquin & C.ª)

Orgãos se parece, esbocei Camões, Bocage e Thomaz Ribeiro na India.

Camões, concebendo os *Lusiadas*, e cantando os feitos heroicos de nossos maiores;

Bocage, stygmatisando com satyras, as demasias dos descendentes de nossos conquistadores; e

Thomaz Ribeiro, chorando sobre as ruinas de Gôa a decadencia de tanta gloria e passada grandeza.

— Que bem ficaria n'estas paragens, representando-nos o *genio da solidão*, a estatua do nosso épico Camões, ergendo-se rodeado de Pedro Alvares Cabral e outros companheiros do Gama; d'Anchieta entre as *tabas selvagens* do Brazil, tendo na mão esquerda o Evangelho, e na direita o obulo da caridade; de Gonçalves Dias, e outros poetas brasileiros?

Os grandes rochedos de serra dos Orgãos, vistos de casa do sr. A. Justiniano Rodrigues a tres kilometros de distancia em projecção horisontal, mais se parecem com os 7 peccados mortaes, que com os tubos dos orgãos, dos quaes a serra deriva o nome.

A contar do Morro de Louzada, que é graúdo e rotundo, como a *Soberba*, vê-se o Dedo de Deus, esguio e altivo, como a *Avareza*, apontando para as regiões etherias, e parecendo dizer:

« Bemaventurados são os pobres de espirito, porque d'elles é o reino do céu. »

« Bemaventurados são os melros de bico amarello, porque elles possuirão a terra. »

Segue-se o Escudo, fendido no cume, semelhante a uma bocca que constantemente está beijando a atmosphera, como *Luxuria* beija appetecida femea; em seguida está o Escalvrado, de aspecto carrancudo e ameaçador, como *Ira*; junto d'este observa-se o Frade, inclinado sobre o campo das Antas, como a *Gula* sobre um prato d'ovos moles; depois



MADAGASCAR — CIDADE DE TAMATAVE BOMBARDEADA PELOS FRANCEZES A 10 DE JUNHO ULTIMO



ALCAER DO SAL — 1.ª VISTA — (Segundo photographias de Oliveira)

está o Escagnolle, que faz lembrar a *Inveja* minando o seu visinho Gigante, que estendido de costas sobre o dorso da montanha, parece contemplar, indiferente, o orbe diaphano que rodeia a terra, como a *Preguiça*.

Vistas do chalet, que o mesmo sr. Rodrigues tem na Piedade, symbolizam as sete virtudes opostas aos sete peccados mortaes.

O Louzada, quasi invisivel, parece a *Humildade*; o dedo de Deus, mostrando-se em toda a sua grandeza, simula a *Liberalidade*; o escudo recatado como pudica donzella, similha-se com a *Castidade*; o Escalavanzado, curvado sobre si mesmo, representa a *Paciencia*; o Escagnolle, parece aflagar o rochedo que lhe fica inferior, como a *Caridade* a criancinha abandonada; e o Gigante sobranceiro ao Guanabara, figura um homem com aureola de luz, vontade de ferro e força de ouro, que em vez de dizer-nos, como a preguiça: *vinde*, nos diz, como a Deligencia: *segui-me*.

Para tudo ser extraordinario n'esta abençoada região, até aqui vim encontrar, pela primeira vez na minha vida, uma arvore denominada *combocatá*, com a forma perfeita de uma mulher.

Esta arvore sempre respeitada e talvez adorada pelos selvagens aborigenes de raça guarany, acaba de ser destruida a tiro de espingarda e a golpes de faca do matto, pelos selvagens civilizados da raça aryaná; só por se parecer a forma do seu tronco, a uma elegante e bem constituida mulher em traje paradisiaco! A arvore, está crivada de balas, e os fetos que vegetam no mutilado tronco, parecem setas cravadas no peito d'uma donzella.

Mal hajam os arboricidas.

O sr. J. Rodrigues, a quem ella pertence, logo que soube da mutilação e lhe fui indicar os estragos, providenciou para que de futuro os seus restos fossem respeitados. Está situada na margem esquerda do rio das Flores, e da estrada, que do Alto de Theresopolis conduz a Sapocaia. Ha 11 annos esta arvore era um perfeito corpo de mulher do pescoco para baixo. Fronteira a esta arvore, junto do Páquequer, que corre na base da montanha dos Cavallos, estão as ruinas da capella de Santo Antonio de Páquequer, que já serviu de freguezia, a 22° 29' de latitude sul, e a 10' 5 de longitude leste do meridiano do Rio de Janeiro.

O alto da Boa Vista, em Theresopolis mede novecentos e sessenta metros acima do nivel do mar; e a *Pedra de Itatiaia*, na mesma montanha conta dois mil e sessenta e cinco.

O clima é identico aos melhores climas temperados da Europa. Aqui tenho dormido sempre com cobertor.

O trigo e a vinha produzem aqui admiravelmente, legumes, hortaliças e fructas europeas egualmente se desenvolvem e prosperam.

A cinchona dá-se muito bem. Plantada em grande escala na fazenda do sr. Henrique José Dias, situada na Barreira do *Soberbo*, a quasi meio da serra, offerece um prospero futuro. A que se cultiva em Theresopolis é a *calisaya*.

Esta arvore da quina pertence á familia das rubiaceas. Os generos d'esta interessante familia tem sido divididos, como é sabido, em onze tribus; sendo principaes as duas seguintes: *coffeacea* e *cinchona*. Esta segunda tribu apresenta os seguintes caracteres: ovulos solitarios nos septos, e os fructos polyspermas. Pertencem a esta segunda tribu as cinchonas, que habitam no Perú e nas outras partes da America meridional.

Ha perto de 40 especies de quina, que são arvores ou arbustos, com flores dispostas em paniculas thyrsiformes, brancas, roseas ou avermelhadas. As principaes especies são *c. calisaya*; *c. condamina* ou *officinalis*; *c. micrantha* e *c. ovata*. O Brazil possui muitas especies de quina que pelas propriedades se approximam muito ás do Perú.

Como tenho de voltar a Theresopolis, no meu regresso do Rio Grande do Sul, para onde vou partir brevemente, direi então o muito que se me offerece a dizer sobre esta região que só por si podia representar dignamente, em toda a parte do mundo, a grandeza do imperio brasileiro.

As cartas que lhe dirijo, teem por fim archivar os topicos dos apontamentos que vou collhendo nas localidades que visito, para no caso de perder as carteiras de viagem, poder um dia reconstruir as idéas e escrever a minha peregrinação na America meridional.

Saudades aos amigos, do seu do coração

A. Lopes Mendes.

AS NOSSAS GRAVURAS

EDUARDO CARLOS CABRAL DESCHAMPS

Do *Correio de Portugal*, folha que se publica em Montevideo, transcrevemos alguns periodos de uma biographia que publica d'este distincto funcionario brasileiro, que tem gasto o melhor da sua vida a bem servir a patria.

«Deschamps conta 43 annos de nunca interrompidos serviços prestados ao seu bello paiz, revelando muitos conhecimentos desde o posto de praticante até o de mais elevado na secretaria do ministerio da guerra.

N'esta repartição inspirou a mais illimitada confiança, havendo sido nomeado para examinar e dar parecer sobre o estado e melhoramentos requeridos por estabelecimentos importantes, como a Fabrica da polvora, o Almoarifado de Arsenaes e outros.

Correspondendo á confiança do governo foi commissionado para trabalhos de importancia investigando e dando parecer, como presidente da commissão da tomada de contas á Camara Municipal, commissão que desempenhou cabalmente.

Em 1854, quando grossas nuvens escureciam os horizontes da America do Sul, embarcou-se para o Rio da Prata, fazendo parte do exercito expedicionario, com o cargo de Intendente da Fazenda Nacional.

Ainda está na consciencia de todos que o acompanharam, a honradez com que desempenhou esse cargo.

Regressando ao Rio de Janeiro foi nomeado chefe da 2.ª secção do ministerio da guerra, posto que exerceu com tino e actividade.

Então já o sr. Deschamps tinha as honras de tenente coronel do exercito brasileiro, que contava em suas fileiras um dignissimo membro.

Durante cerca de 4 annos que tem da campanha do Paraguay, serviu elle successivamente os altos cargos de chefe da pagadoria militar, de chefe da repartição fiscal e de intendente geral do exercito no glorioso commando de sua alteza real o sr. conde d'Eu. Quem tiver conhecimento do que dispendeu o Brazil n'essa gigantesca guerra, pôde avaliar as ingentes sommas e as ordens de pagamentos dos grandes contractos que elle celebrou, que, ou lhes passavam pelas mãos, ou dependeram de sua auctorisação.

E no fim de tudo seu maior galardão — é ter necessidade de um emprego para viver; o que em geral acontece, para a honra do Brazil, no seu functionalismo.

Acabada a guerra, foi Deschamps nomeado consul geral do Brazil em Montevideo, onde exerce esse ingrato encargo ha mais de 12 annos.

É de todos conhecida a fôrma patriótica porque se tem conduzido este honrado brasileiro, que no cumprimento do seu dever é exemplar, não havendo quem o supere em patriotismo e dedicação.

Quer em sua vida publica como particular foi sempre um modelo de virtudes.

Attendendo a todos, o seu bolso está sempre aberto para socorrer ao desvalido.

O sr. Deschamps é coronel do exercito, commandador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo; tem o habito da Rosa e a medalha de campanha pelos serviços prestados no Paraguay. É membro effectivo do instituto dramatico do Rio de Janeiro e de outras sociedades.

O OCCIDENTE publicando o retrato do sr. Deschamps, não precisa accrescentar nada ao que fica dito, para justificar esta homenagem.

MADAGASCAR E A EXPEDIÇÃO FRANCEZA

Como a França perdeu a sua preponderancia, e quasi importancia na Europa, por falta de senso politico dos seus governos, quer ver se no exterior, em pequenos negocios e com poucas forças pôde dar emprego e diversão ás opiniões encontradas que lhe agitam o seio.

Dissera Julio Simon em um opusculo celebre, «no interior não ha governo, no exterior não existe a França», e por isso o seu governo, que, segundo elle, não ha, quer mostrar que ella existe.

Assim apparecem as tentativas do Zaire, os successos do Toukin, e quasi contemporaneos os de Madagascar.

Esta ilha foi descoberta a 10 de agosto de 1500, por Diogo Dias, irmão de Bartholomeu Dias e companheiro de Vasco da Gama na primeira viagem á India, que desgarrando da frota do commando de Pedro Alvares Cabral, que acabava de descobrir o Brazil, passou por fóra d'ella, julgando ser a costa d'Africa, apercebendo-se do seu erro quando chegou ao norte d'ella,

pelo que voltou atraz a reconhecê-la e a estabelecer algum trato com os naturaes.

Depois de muitos tempos tem os francezes estabelecido n'ella um certo protectorado, e por meio de alguns tratados tem obtido, ser melhor, imposto certos direitos de que gozam em larga escala.

A ilha de Madagascar mede 980 milhas inglesas de norte a sul e tem uma largura média de 250 milhas, isto é quatro vezes o territorio de Inglaterra. O principal reino da ilha é o dos Hovás, governados pela rainha Ranavalo—Manjaka. A sua capital é Antananariva, no interior em sitio elevado e salubre e que se diz conter cem mil habitantes. O clima do interior da ilha, e especialmente os planaltos, é muito salubre, e differente do das costas.

Os tres portos principaes são o de Tamatave, Fonle-pointe, e Autongil, tres nomes que recordam os indigenas, e os principaes dominadores francezes e portuguezes.

Morto um certo Laborde, subdito francez, os seus herdeiros quizeram, segundo o uso europeu, recolher a sua herança, mas parece que os hovás, considerando a concessão de habitação sómente pessoal e não transmissivel, não consentiram n'isso.

D'aqui uma questão que se estendia aos direitos de todos os francezes residentes na costa do noroeste da ilha, e a anulação do protectorado da França n'esta costa.

A Europa vieram os enviados da rainha que andaram da França para a Inglaterra, sem nada resolverem.

A França decidiu então mandar ali uma expedição. Effectivamente diante de Tamatave surgiu o almirante Pierre com a sua esquadra a 21 de maio.

D'alli enviou o seu ultimatum á rainha Ranavalo—Manjaka, e como é de suppor a resposta foi negativa e um pouco insolente, segundo dizem os francezes.

O ultimatum enviado no dia 2 de junho, á rainha, exigia; o reconhecimento dos direitos da França sobre as costas d'oeste da ilha, uma indemnisação de guerra de dois milhões, ou 360 contos de réis e a occupação temporaria de Tamatave pelas tropas francezas.

Antes do fim do prazo já o almirante tinha atirado sobre algumas feitorias hovás, de outros pontos da costa, o que nos não parece muito direito procedimento, e convidado os europeus a refugiarem-se a bordo dos seus navios, como o fizeram em numero de 300.

A esquadra composta dos navios *la Crense*, *Flore*, *Nièvre*, e *Forfait*, ainda foi reforçada (1) com o *Beantemps*—*Beampre*, e *Boursaint*. A *Dryada*, inglez e outros vasos mercantes, afastaram-se para não incommodarem os movimentos dos francezes.

Começaram estes o grande feito no dia 10. A esquadra empavezou e assentou as bocças de fogo. O dia estava esplendido, era domingo, e ás 6 horas e 45 minutos da manhã começou o bombardeamento; inutil fanfarronada de força perante uma povoação de cabanas. Os hovás por desfastio atiraram tres tiros mal certos de pequenos canhões.

Satisfeito o orgulho francez, parou o canhoneio, já frouxo pelo meia dia. No dia seguinte as embarcações armadas em guerra, lançaram em terra 750 homens sob o commando do chefe das operações capitão de fragata Hernandez, nomeado ao mesmo tempo governador da praça.

Avançaram por entre uma chuva de... poeira, tomaram o forte onde encontraram tanta gente, como na cidade, isto é: *ninguem*. Arvoravam a bandeira franceza, estabeleceram auctoridades francezas e hoje Tamatave pertence á Republica.

São um pouco mais felizes os heroes modernos do que foram os nossos Gamas, Pachecos, Albuquerque Almeidas e Castros.

A NOVA MOEDA AUXILIAR

Nós nunca estamos satisfeitos com os melhoramentos que se introduzem de novo.

Gritavamos contra o pataco, o genuino representante do nosso progresso, decretou-se a pena de morte e de fogo ao legitimo portador da effigie de D. João VI, e em seu lugar foram creados os vintens, similhantes aos patacos de D. João III; comtudo nem estes, nem os novos dez réis, os novos cinco réis, e até os proprios tres réis foram capazes de destruir todo o pataco; ostentase este firme, elevado e sobranceiro a tudo como a estatua de D. José, ou a poeira das ruas de Lisboa.

Mas as novas moedas dentro em pouco começaram a parecer incommodas. Não havia bolso de dandy, indispensavel de elegante que quizesse

albergar tão pesados e mal odoríferos hospedes. Um lençinho, umas luvas, uns dedinhos impregnados de hylangylang, frangipane, opoponax ou jockey-club como poderiam desflorar-se em tão brutal cheiro de cobre e bronze, e pegar em tão pesados e feios artefactos.

Occorreu á nossa casa da moeda, e ao seu novo director o sr. Augusto José da Cunha, satisfazer a tão urgente necessidade.

Fizeram-se ensaios sobre ensaios, e ao cabo de muitas locubrações, compoz-se um *bilhão* em que o cobre predomina, com o qual se julgou resolvido o importante problema.

É esta liga composta de 96 centecimos de peso de cobre, 2 de zinco e 2 de estanho.

As novas moedas, cujos typos apresentam as nossas gravuras de pagina 192 são os vintens, do tamanho aproximado das moedas de 500 réis de prata, dez réis do tamanho dos antigos cinco réis, e os cinco réis pouco maiores que o tostão de prata.

As novas moedas auxiliares, quanto ao peso, tamanho e cunho satisfazem cabalmente ao fim desejado, quanto porém ao aspecto, não se melhorou, antes ao contrario se peorou.

A moeda toma em poucos dias uma côr anegrada, que nem é a do cobre nem a do bronze nem a de cousa nenhuma decente conhecida. Encontra-se talvez aquella côr em objecto muito útil á agricultura, e apesar de um certo banho que ultimamente se lhe applicou, dentro de algum tempo este desaparece, e o negrume expande-se com todo o seu aspecto nauseoso.

Não pôde ser tudo perfeito, já não é mau, o melhoramento que se poudo obter, pena é que os ensaiadores da casa da moeda, não podessem corresponder melhor aos desejos do digno e intelligente director.

Brevemente principiaremos a publicar as velhas moedas, que retiram da circulação.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR O

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSHÃO

IV

(Continuado do numero 167)

É pela biographia dos grandes homens que se pôde explicar com a maior exactidão, as causas da sua mais ou menos completa representação na scena do mundo.

A época do seu apparecimento, a sua educação, o meio em que viveu, as necessidades instantes que lhe entorpeceram o desenvolvimento, os prejuizos, os vicios do tempo que ou o subjugarão ou colheram em suas rédes, e ainda outras circumstancias, são os motivos que nos fazem chegar a conhecer o perfil, o vulto verdadeiro de qualquer grande figura da historia.

O padre Bartholomeu é uma d'essas figuras, cuja biographia precisa ser mais attentamente estudada, para se reconhecerem as causas que o impulsaram na carreira dos descobrimentos, e as que o impediram de votar a elles todo o engenho e actividade de que a natureza o dotára.

Nasceu na cidade (então villa) de Santos, no Brazil, entre os annos de 1685 a 1688. Seu pae era o cirurgião-mór do presidio d'aquella praça, Francisco Lourenço, e ahí estabelecido havia annos. De sua mulher Maria Alvares, houvera Francisco Lourenço nove filhos, pelo menos.

Ainda que as suas posses e rendimentos fossem as da mediania, não devemos deixar de notar que não poderia ser muito sorridente a infancia de sua numerosa prole.

Houve porém uma circumstancia que um tanto o favoreceu na sua estreiteza. Existia no Brazil e em grande credito o jesuita Padre Alexandre de Gusmão, e ou por que houvesse entre elles relações de parentesco, ou por outras causas quaesquer, entre o padre e Francisco havia muita amizade.

Não só se prestou a ser padrinho de seu filho mais novo, que d'elle tomou o nome, e foi depois o célebre secretario e ministro de D. João V, mas ainda admittiu no seminario de Belem, que havia fundado e dotado junto á cidade da Bahia, os outros filhos de Francisco Lourenço, para lhes ministrar a instrução necessaria. O que ha de singular, porém, em tudo isto, é que nenhum dos filhos de Francisco Lourenço vestiu a roupa de jesuita, antes se ficaram no clero secular, como Bartholomeu, ou entraram em outras religiões, como João, que foi carmelita com o nome de Frei João Alvares de Santa Maria.

A educação porem receberam-na n'aquelle seminario. Desde ahí Bartholomeu começou a dar provas do seu elevado engenho, applicando-se com algum interesse aos trabalhos de physica e mecanica.

A primeira manifestação do seu engenho foi o machinismo que inventou para fazer subir a agua de qualquer rio, lago, brejo, ou mesmo do mar á altura que se pretendesse.

Estava o seminario edificado sobre um monte arejado e airoso, mas faltava-lhe a agua para alimentação e serviço da casa, no que se despendia bastante, Bartholomeu Lourenço durante o seu tempo de estada alli, estudou o assumpto e conseguiu por meio de um cano e machinismo, fazer subir ao convento a agua de um brejo que jazia a alguma distancia e inferior ao convento 101 metros.

Tendo concluido os estudos e deixado o seminario, ao que parece em 1705, tratou logo de tirar vantagem do seu descobrimento. Assim requereu logo á Camara da Bahia lhe concedesse privilegio de invenção, o que ella fez em sessão de 12 de dezembro de 1705: dizendo que «elle com muito particular estudo e experiencias que fez, deu no segredo de fazer subir a agua toda a distancia e altura a que se quizer levar e que com effeito a fez o supplicante subir no seminario de Belem, quatrocentos e sessenta palmos, como mostra por umá certidão... passada pelo muito reverendo padre Alexandre de Gusmão reitor do dito seminario, e que com o mesmo invento se poderá fazer moer os engenhos de beira mar, com a agua d'elle, e a este respeito todos os engenhos que tiverem tanque, fonte ou rio, ainda que esteja em parte muito inferior, e pelo conseguinte trazer aguas para chafarizes e fontes para utilidade e conveniencia do serviço dos povos e grandeza d'esta cidade, e assim respeitando tão util proposta pedia que descobrindo o supplicante o segredo do dito invento e ensinando-o para que se possa usar d'elle o não podesse fazer nenhuma pessoa, nem lograr a sua utilidade, sem pagar ao supplicante quatrocentos mil réis por cada engenho ou obra que fizer na forma sobre dita, visto dever-se-lhe remunerar o trabalho de seus estudos: o que visto por este senado, e considerando não resultar nenhum prejuizo em se admittir a dita proposta, ainda quando não resulte o effeito que promete, e que tendo effeito é muito util a todo este estado, e por vir a dita proposta auctorizada e approvada pela certidão de que atraz se fez menção, concedemos licença ao supplicante para dar á execução o sobredito invento, com as condições que propõe e pede em sua petição, e nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que seja poderá por si, nem por outrem usar do dito invento sem pagar ao supplicante o donativo que pede; premio tão merecido ao seu trabalho etc.

Esta deliberação foi tomada como se vê, em face d'um requerimento documentado de Bartholomeu Lourenço, estando em sessão os vereadores Pereira de Vasconcellos, Palhares, França e Aranha.

Munido com este privilegio requereu Bartholomeu Lourenço ao governo, para que o privilegio se tornasse extensivo a todo o estado do Brazil. O conselho ultramarino a quem foi presente o requerimento consultou favoravelmente sobre elle em 18 de novembro de 1706, obtendo só o despacho d'El-Rei em 23 de março de 1707 e passando-se-lhe a respectiva carta de privilegio.

Desde esta data até 1708 não temos mais noticias de Bartholomeu Lourenço. Colheria grandes resultados do seu privilegio? Prestariam os colonos do Brazil toda a attenção e favor ao invento do joven patricio? Não sabemos: é natural, porém, que tamanha concessão não fosse esteril, e que obtendo alguns meios por ella se resolvesse a vir a Portugal ou para proseguir os seus estudos, ou para desenvolver o seu genio inventivo.

Effectivamente em 1708 achamol-o em Portugal e em dezembro matricula-se na Universidade de Coimbra na faculdade de Canones. Segundo as noticias do tempo parece lhe foi aqui dispensada protecção pelo marquez de Fontes, é muito natural que em vista de recommendações que trouxe do Brazil.

É durante este anno lectivo que Bartholomeu Lourenço trabalha na sua machina de voar. O que determinaria esta evolução do seu espirito? qual seria o germen que faria borbulhar n'elle tão singular idéa?

Algumas experiencias de physica e de chimica que então começavam a ter bastante incremento lá fóra, lhe excitariam a sua imaginação brilhante, que a ausencia da patria, dos seus parentes, e amigos de infancia tornaria mais ardente? É possível que uma d'estas causas, ou todas,

ou outras para nós desconhecidas, influissem no seu animo. O facto é que abandonou este anno lectivo os estudos, faltou á ultima matricula, e achamos, pelas relações contemporaneas que se entregou ás experiencias da machina de voar cujo privilegio lhe foi concedido em 19 de abril de 1709, e cuja experiencia se fez a 8 de agosto de 1709.

(Continua.)

Brito Rebello.

RESENHA NOTICIOSA

TRACÇÃO ELECTRICÁ. — No dia 4 do corrente realisou-se em Paris a experiencia de ensaio de um novo omnibus ou carruagem, movida pela electricidade, a que assistiu numerozo concurso de gente, e o ministro dos correios e telegraphos, sr. Cochery, foi dentro do carro, que partiu ás 5 horas.

Nada mais simples que o machinismo. Debaixo das banquetas do omnibus vão collocados accumuladores Faure, pesando 2,500 kilogr., produzindo uma força de 72 cavallos, e communicando com uma machina de Siemens, installada debaixo do vehiculo. Esta machina dá movimento a um eixo a que estão ligadas cadêas de Gall, que dão impulso ás rodas. (Veja a este respeito a pag. 80 do nosso 3.º volume.)

FRAGMENTOS DA BIBLIA ORIGINAL. — Foram enviados da Palestina á *Palestina exploration fund* alguns pedaços de pergaminho ou pelles cobertas de caracteres phenicios, que se dizem haverem sido encontrados em poder de varios beduinos, de uma tribu das vizinhanças de Amman, antiga capital da Ammanilidia, ao nascente do Jordão. A letra está muito apagada, mas avivada por meio de lavagens com alcool, contém partes do Deuteronomio e do Decalogo, segundo o exame feito n'esses fragmentos pelos srs. Boud, primeiro conservador do museu britannico, Aldis Wright, de Cambridge, dr. Ginsburg, dr. Horning e outros sabios inglezes. A escriptura é inteiramente igual á da famosa *Stella* do rei Mesa, descoberta ha 15 annos, e hoje conservada no Louvre. O publico inglez, e em especial os archeologos, andam muito excitados por um descobrimento que, a não ser uma fraude como outras muito conhecidas, seria da mais alta importancia archeologica.

NÃO PERCAMOS DE VISTA MARROCOS. — A pag. 202 e 238 do nosso v volume, 46, 55 e 126 do presente, inserimos um artigo cheio de reflexões importantes acerca do imperio de Marroc, da nossa legação alli e da politica que devia dirigir os nossos estadistas com relação áquelle imperio. Dizia-se n'elle que a Italia tinha alli por ministro um homem, o sr. Scovasso, que apesar de velho, era muito considerado pela sua finura, habilidade e energia; um facto recente o confirma. Aproveitando habilmente uma offensa feita a um judeu, que não é italiano, mas está sob a protecção da Italia, dirigiu uma reclamação energica a esse respeito ao sultão, e, vendo as evasivas do ministro dos estrangeiros marroquino, e conhecendo a vontade que o seu paiz tem de firmar um pé na Africa, pediu a presença de alguns navios para apoiar a sua reclamação, ao que a Italia satisfez com a melhor vontade, mandando para alli os dois formidaveis couraçados *Duilio* e *Palestro* e o aviso *Agostinho Barbarigo*. O ultimatum marcava o dia 9 do corrente, exigindo uma indemnização para o judeu, e que o governador de Rebat *El-Suissi*, homem muito considerado, seja destituído ou venha a Tanger dar satisfação á legação italiana.

Caso mais grave succedeu com dois portuguezes: um residente no mesmo porto de Rebat, tendo-lhe sido insultado um seu agente mouro e prejudicados os seus interesses pela auctoridade de Salá, porque a sua fazenda foi abandonada e roubada; e outro, a propria auctoridade consular portugueza em Mazagão, atropelada pela au-

ENIGMA



00000
0
0
0

Explicação do enigma do numero antecedente. Cada cabeça cada sentença.

toridade moura. O nosso digno ministro protestou e reclamou, mas os mouros fazem pouco caso de reclamações que não são apoiadas na força.

Porque se não mandam alli tres ou quatro navios, entrando o couraçado *Vasco da Gama*, que anda a passear, para vêr que não mostramos menos interesse pelos nossos subditos que a Italia?

TARIFA-TANGER. — O governo hespanhol, diz um periodico gallo-hispanico, poz em concurso para o dia 8 do corrente, um serviço quotidiano de vapores-correios entre Tarifa e Tãnger. *Esperamos que será o começo da annexação de Marrocos, que de direito pertence á Hespanha (!) Vejam como lá fóra se falla. Já lêmos tambem que a França vae estendendo a sua influencia em Marrocos; a Italia acabamos de vêr que não perde occasião, e nós a dormir!*

EXPOSIÇÃO DE MADRID. — Fechada a 17 de julho, reabrirá a 8 de setembro. Até agora não tem correspondido o successo d'ella ás esperanças preconcebidas.

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA. — Uma pequena cidade do Brazil, mas em grande via de progresso, inaugurou a 22 de junho a sua iluminação por electricidade. E' Campos; honra a quem tanto se adianta.

GALEÕES DE VIGO. — Dizem as *Novidades*, de New-York, que se formou em S. Francisco uma sociedade do capital de 800:000 dollars para se proceder de novo á pesca dos celebres galeões, afundados no porto de Vigo. Comtudo, não ha ainda concessão a tal respeito.

LISBOA A MOÇAMBIQUE. A 3 de setembro começa o novo serviço de vapores entre estes dois pontos com escala por *Lourenço Marques, Inhambane, Chiloane e Quilimane* passando pelo Cabo da Boa Esperança. Os concessionarios srs. Ernesto Pinto Basto & C.^a fazem executar este serviço pela companhia ingleza *Castle Mail-Packets*, a qual faz o serviço do correio de Londres a Porto Natal. A subvenção é de seis contos de réis por mez. Infelizmente nada d'isto reverte a favor da nossa marinha.

POÇO ARTESIANO. Em Sax, 48 kilometros de Alicante, a sonda acaba de abrir um poço que produziu uma columna, que dá 19 litros por segundo ou 1.641:600 por dia. Esta agua é destinada ao abastecimento da cidade de Alicante, que estava reduzida ao regimen da agua destilada. Será a primeira perfuração do solo, que terá dado bom resultado em Hespanha.

CONGRESSO HESPAÑOL DE GEOGRAPHIA. Celebrar-se-ha em Madrid, no mez de novembro um congresso nacional de geographia, que tem por fim procurar os meios de fazer valer os direitos da Hespanha sobre a Cochinchina, Borneo, Jolo, o Pacifico, o golfo do Mexico, o canal de Panamá, as Canarias, o golfo de Guiné, o mar Vermelho, o Zanguebar, a Berberia e Marrocos; por pouco não abrange o mundo todo. É muito trabalho, mas já se sabe que o programma foi modificado. É bom que as nossas sociedades de geographia vejam bem isto, e os nossos governos procurem informar-se, ao menos pelos agentes diplomaticos, do que resultar do congresso. É muito natural que tudo seja uma poeirada, para encobrir o verdadeiro ponto: *Marrocos*. Ainda continuamos a recommendar: não dormir, e muita attenção para Marrocos.

A REVOLTA EM HESPAÑIA. Infelizmente não terminou este ligeiro e disparatado movimento na nossa visinha, sem uma d'aquellas scenas improprias de um paiz civilisado, e que indignam os homens de coração e verdadeiramente liberaes, o fuzilamento de quatro sargentos, e quem sabe o que mais se seguirá. Somos os primeiros a condemnar a loucura d'aquelles que vieram perturbar por um momento, a tranquillidade e o desenvolvimento da sua patria, mas condemnamos ainda mais aquelles que tendo o poder nas mãos e chamando-se liberaes, não sabem abolir para os crimes politicos, as praticas que nós já abolimos até para os crimes communs. O movimento pronunciado em varios pontos, extinguiu-se quasi por si sem grandes medidas do governo.

EMPREGO DA PEPINA. — Este verdadeiro fermento digestivo só pôde exercer a sua actividade em um meio acido. As suas propriedades são alteradas ou neutralizadas por muitos corpos como magnesia, bicarbonato de soda, etc. Deve pois ser administrada simples, no meio das comidas, em pó amylaceo, em uma solução de vinho asucarado, ou em um elixir aromatico. São estas as unicas tres maneiras como se pôde reputar seguro o seu effeito.

EXPOSIÇÃO LITTERARIA-ARTISTICA. — No meado de dezembro do corrente anno deve realisar-se em Madrid a que é organizada pela *Associação de escriptores e artistas* de Hespanha.

Poderão ser expostos autographos, folhas soltas, periodicos, folhetos, livros, composições musicas, projectos architectonicos, desenhos, pinturas, gravuras, lithographias, esculpturas, etc. assim como os productos auxiliares dos artistas e escriptores, taes por exemplo, tinta, papel, penas, objectos de escriptorio, utensilios de imprensa e encadernação, instrumentos de musica, e tudo o que lhes respeita, lapis, pinceis, tintas, palhetas, estojos, etc. Estranhámos que o programma deva ser publicado só em setembro; parece-nos que era o que devia preceder todos os convites.

EXPOSIÇÃO PEDAGOGICA E LITTERARIA. — Dizem-nos de Toulouse, França, que a Academia Mont-Réal, projecta abrir brevemente uma exposição d'aquelle genero. Esperamos anciosos o respectivo programma para darmos mais larga conta de um assumpto de tanta importancia.

CASTIGO SEVERO. — Apesar de ser uma notabi-



A NOVA MOEDA AUXILIAR

lidade na engenharia europea, o general belga Brialmont, foi collocado na inactividade de castigo, porque tendo pedido licença para ir á Alemanha, foi á Rumania, onde presidiu aos trabalhos de defeza do paiz.

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMARIOS DO NORTE DE PORTUGAL. — Sob esta designação, e por iniciativa dos professores do Porto, vae organisar-se uma sociedade, á qual poderão pertencer não só os d'aquelle districto, mas os de Aveiro, Coimbra, Vizeu, Guarda, Villa Real, Bragança, Braga, Vianna e Castello Branco.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

NA TERRA E NO MAR, Estudos e Recordações por J. Vianna, Livraria Ferreira, edictora, Lisboa, 1883. 1 vol. de 360 pag. e 4 de indice e erratas, em 8.^o Os escriptos do sr. J. Vianna são já bem conhecidos do publico, que os tem sempre recebido com o melhor acolhimento. Alem d'isso o sr. J. Vianna cultiva um genero, de que raros se tem occupado entre nós, o que torna ainda mais estimaveis os seus trabalhos litterarios. Os assumptos maritimos tem para os portuguezes um interesse especial, não obstante ser a marinha, para nosso mal, e por uma contradicção bem flagrante, a ultima coisa em que hoje se pensa em Portugal.

Nações muito menos maritimas do que a nossa, e sem tradições gloriosas que illustrassem o seu nome nos mares como Portugal illustrou, possuem larga copia de livros em que se trata de assumptos maritimos, ora no campo da sciencia, ora no da historia, ora romantizando as suas pobres epopeas maritimas, que não foram emba-

ladas nas ondas do Cabo das Tormentas, nem devassaram a Africa nem a America.

Este livro em que o auctor reúne varios trabalhos seus, dispersos em jornaes, é duplamente sympathico, porque alia o util com o agradável, escripto n'um estylo despertencioso e por vezes pittoresco, a sua leitura instrue e deleita.

UNIVERSO ILLUSTRADO, Semanario de Instrucção e Recreio, director Maximiano da Silva, proprietario João Campos da Silva, Lisboa, N.^o 7 a 13 do Tomo I 2.^a serie d'este periodico, que vae encontrando o melhor acolhimento por parte do publico. O *Universo Illustrado* é tambem uma publicação portugueza produzida com elementos nacionaes, e que não desmerece d'outras do seu genero, que se publicam em paizes estrangeiros.

O ELEGANTE, Jornal de Modas para homens, senhoras e creanças etc. David Corazzi editor, Lisboa, N.^o 2 pertencente ao corrente mez, com figurino colorido em pagina dupla, moldes e 8 pag. de texto. Esta publicação é, por assim dizer, o complemento da *Moda Illustrada*, do mesmo editor, visto que esta é para o sexo femenino e aquella para o masculino.

A VIDA DAS FLORES, por Alphonse Karr e Taxile Delord, traduzida por uma sociedade litteraria sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior, David Corazzi editor, Lisboa, Fasciculos 8 e 9 com dois lindos chromos. Com o fasciculo 9 é distribuido um aviso em que se declara que a parte scientifica d'esta obra occupára os ultimos oito ou dez fasciculos.

Á VOLTA DO MUNDO, jornal de viagens e de assumptos geographicos, directores litterarios, dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empresa Litteraria Luso Brasileira editora, Lisboa, N.^o 11 e 12 pertencentes ao mez de junho, ultimos publicados. Este periodico recommenda-se tanto pelo interesse dos seus artigos como pela belleza das suas gravuras.

O COLLEGIO DE S. FIEL NO LOURICAL DO CAMPO E O DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA COVILHã. — *Apontamentos sobre o jesuitismo no districto de Castello Branco, pelo dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, lente de medicina na Universidade de Coimbra — 1883. Coimbra, Imprensa da Universidade, 4.^o de xxiii — 78 paginas.* Compreheende este folheto o relatorio da Commissão nomeada pelo Governador Civil de Castello Branco em 2 de dezembro de 1880, para, em virtude do disposto na portaria do ministerio do reino de 17 de novembro anterior, conhecer as circumstancias em que se achavam aquelles collegios, se pertencem a membros de corporações religiosas, se n'elles ha professores que a ellas pertençam e qual a natureza e resultados do ensino ministrado n'aquelles estabelecimentos. A commissão composta dos dr. Refoios, medico-cirurgião Hermano José das Neves Castro e Silva, e 1.^o official do Governo civil Joaquim Roballo Guedes, houve-se n'este delicado assumpto com muita sagacidade e sinezude. Como o relatorio, segundo as declarações de dois ministros do reino, se perdeu na secretaria do respectivo ministerio, o sr. dr. Refoios resolveu-se a publical-o, precedido de uma larga introdução e seguida de notas. É um documento importante e curioso.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira, fasciculo xv. Continua-se a materia do antecedente, concluindo com os impostos municipaes as *coimas* e *donativo*; trata-se da *portagem* § xi, — e começa-se o § xii que trata dos *factos notaveis e faustos da camara, seus privilegios, preeminencias, jurisdicções, prerogativas, graças, mercês e honras que lhe foram conferidas*, no qual se dá noticia de muitos documentos e diplomas da mais alta importancia.

LINHA RECTA, versos de Mathias Carvalho, edictor Evaristo R. da Costa, 1883 — Rio de Janeiro. — *Typ. Central.* 8.^o de 130 pag., sendo a numeração desde a 93 em diante em letra romana, rosto e anterosto illustrado e o retrato do auctor em lithographia. Este volume de versos, onde ha alguns bem fabricados e uma certa força de pensar encerra tambem alguns que deviam ter tido mais lima e tempo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMNAT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6